

Ângela Maria Kugelmeier

Universo Particular

(do absurdo ao triste)

2015

Agradecimentos

Aos que serviram de inspiração para a criação dos contos. Também aos familiares e amigos que sempre deram suporte ao trabalho mais árduo: a aceitação própria.

Apresentação

O processo criativo na elaboração desse portfólio teve a colaboração de referências artísticas, como no conto Falta de Sorte, de desenhos animado (Tom and Jerry no espaço) para a escrita do roteiro do curta, além dos textos discutidos em sala de aula que colaboraram no desenvolvimento crítico do trabalho. Os horários “mais inspiradores” foram as madrugadas, com o silêncio e a mente fresca. Ouvir fatos na rua de pessoas desconhecidas auxiliou no ganho de bagagem para próximos textos.

A proposta do portfólio é a auto avaliação e o desenvolvimento de ideias, juntando em um trabalho, alguns contos feitos ao decorrer do semestre.

A.M. Kugelmeier

Sumário

A Carne	5
O Conforto que Vem da Mente.....	7
A dor do Amor	8
O Amor	10
Corpo	11
O Lado Escuro	12
União	13
Quem Vê Idade Não Vê a Mente	14
Azar ao Sonhar	16

A Carne

O chão estava vermelho. Era noite e o tumulto já havia se desfeito depois que a polícia foi embora. Eu estava lá observando tudo, com a cena ainda fresca na cabeça, sem deixar de ouvir o barulho dos tiros. Um, dois, três disparos, e depois o silêncio. Silêncio para a Vanessa que agora já não iria mais me ouvir reclamar da vida e do trabalho, ou das coisas cotidianas que uma vez ou outra nós desabafávamos. Eu estava sozinho.

Aquela noite tinha começado como qualquer outra. Depois de uma transa bem gostosa, nos arrumamos e fomos para o parque. Trabalhar no lá não era bom, mas pagava as contas, e no momento isso bastava. Era um emprego que permitia levar fácil nosso vício. Sexo. Esse era nosso vício. Trepar em qualquer lugar, hora, humor. Sempre. E naquele dia não foi diferente. O calor da urina dela escorrendo pelo meu peito, e eu gemendo de prazer, mordendo-a, arranhando, batendo, e ela se entregando ao ato, suplicando para que eu comesse logo; mas isso era só no final, eu dizia. Ela me lambia, esfregava seus fluídos em todo meu corpo, fazendo cara de safada. Curtíamos o não usual, e fazíamos disso regra. Depois de tantos gemidos, gritos, urina, saliva, comilanças da carne, arrombei a xana dela, fazendo Vanessa espremer os olhos e dar outro gemido. Gozo. Logo depois, não durou muito. Estávamos satisfeitos.

As lembranças de nossa vida juntos enquanto eu caminhava pelas marcas de sangue, despertavam saudades. Daquele corpo gostoso, da risada fácil, do desejo incontrolado. Entendíamos-nos como ninguém. As escapadas nos lugares mais improváveis do parque para apagar o fogo do meu pinto. Sim, a roupa dificultava, a final, toda maquiagem e camadas de tecido da profissão deixavam ainda mais demorado, mas atiçavam a vorazmente a vontade de foder.

Dirigi-me ao necrotério, preenchi um formulário e aguardei na recepção. Chamaram-me logo em seguida para o reconhecimento do corpo. A vontade de sair correndo e cair no choro, gritar por ajuda para tirar a dor do peito era incontrolável quando a vi naquela maca. Lá estava ela, sem a pele viçosa, apenas cinza. Sangue vermelho escuro e maquiagem branca se misturavam formando um tom quase nostálgico, quando na infância misturávamos as tintas na aula de artes para pintar telas.

Aproximei-me do corpo já gelado e rígido, e pedi para ficar sozinho com meu amor. O amor da minha existência. Só consegui chorar durante um tempo. Olhei para seu rosto que parecia sorrir desafiadoramente, daqueles sorrisos que só ela mostrava quando queria transar. Sim, ela estava me chamando. O choro foi parando pouco a pouco, e neste momento meu pau ficou duro. Olhei com ternura, e com o mesmo sorriso safado dela. Com meus modos mais brutos, do jeitinho que ela gosta, fui tirando a fantasia de palhaço dela, tirei a minha também, e ali, naquele instante, ataquei avidamente o corpo sobre a maca.

Senti-me como se estivesse dando a vida para ela, completando algo que não voltaria, mas essa era a minha tentativa. E aquilo me excitava. Eu estava louco de excitação, comi, mordi, chupei, e fiz todos os movimentos que ela mais gosta. A expressão do rosto de Vanessa permanecia aquela de convite para o pecado, como se meu esforço não bastasse. Foi quando os legistas entraram na sala e chamaram os seguranças para me tirar dali. Debati-me, fiquei agarrado no corpo da minha mulher, porém conseguiram me expulsar do local.

Aquela noite parecia não ter fim. Quando cheguei em casa me dei conta realmente do quão vazia minha vida estava. Nossa última transa ainda ecoando em minha cabeça, interrompida pelos médicos que não entenderam o ato de amar demais. Olhei ao redor, esperando que tudo fosse um sonho, porém nada aconteceu. Decidi então me juntar a ela. Nossas almas estavam entrelaçadas, não poderíamos ficar separados. A morte era uma questão de tempo. Tempo para nosso reencontro. Lembrei do sorriso safado e provocante dos lábios de Vanessa, então deitei em nossa cama, peguei minha lâmina de barbear, e a partir dali, o tempo fez seu trabalho. Calma meu amor, já estou chegando.

O Conforto que Vem da Mente

Uma vontade louca de correr pelo campo de girassóis, igualzinho ao quadro em minha frente. Sempre que o tempo demora para passar, eu fico admirando esta pequena imitação do Van Gogh, imaginando se um dia serei livre para encontrar meu próprio caminho de flores.

Nesta manhã, no meu pequeno cômodo, o vazio do quarto era preenchido através da tv, a qual nunca era desligada. Elas diziam que eu não poderia me sentir sozinha. Grande engano em pensar que a companhia visual oferecida pelo aparelho me faria esquecer os anos de solidão antes de tudo.

Morava eu com meu pai, um sujeito que colecionava charutos. Nossa casa não era tão grande, não tinha conforto, e possuía apenas o necessário de mobília. Eu entrava na casa das meninas do colégio, volta e meia para fazer trabalhos de aula, e contemplava a delicadeza das flores nos bordados das toalhas de mesa, ou o perfume de comida vindo da cozinha. Na minha casa, a comida era congelada.

Eu nunca soube o que houve com minha mãe, e quando eu perguntava sobre ela, o sujeito que me criou se limitava em dizer que eu não deveria encher o saco, e sim, ocupar meu tempo com os afazeres domésticos. Minha mãe imaginária, a qual eu chamava de Mãe Clara, foi minha companhia durante a infância, e hoje acabo voltando para seu colo. Mas as pessoas não entendem.

A tristeza acumulada se tornou um fardo tão pesado, que construí um muro à minha volta, onde ninguém atravessava e nada de mim saía. Minha mãe imaginária conversava comigo, me pedia coisas, me desafiava, mas no final me recebia para um abraço. Ela não julgava, apenas observava.

Nos dias de convivência difícil com o sujeito, ela me mandava fazer coisas, e eu como uma criança obediente para com a mãe, fazia. Apanhava muito do sujeito, ficava sem comida, mas Mãe Clara sempre esteve do meu lado. Foi em um desses dias de tormento, que o sujeito estava mais ranzinza que o normal, chegou do trabalho bêbado, tropeçando em tudo, inclusive em algumas tintas que eu havia deixado pela casa. Ele pegou as latas e despejou o conteúdo no ralo da pia, resmungando algo indistinguível. Neste momento, minha raiva por ele cresceu tanto, que meus piores sentimentos foram se afluando, e todas as lembranças das surras que levei, das palavras grosseiras e sem amor que ouvi, que assim que Mãe Clara me disse para atear fogo nas caixas de charuto do sujeito, eu não pensei duas vezes.

Só lembro de ver o fogo queimar as caixas, o sujeito me sacudindo, correndo para os charutos, e muita fumaça. Acordei já no meu quarto de hoje, com minha mãe imaginária sentada na cadeira do lado, com um breve sorriso. Aninhei-me em seu colo, e adormeci.

Desde o ocorrido com o sujeito, tenho morado aqui. Vejo tudo pela janela, ou através do quadrinho. Mãe Clara está sempre ali na cadeira, mesmo quando as moças dizem que não, ou quando elas me entregam os remédios e esperam eu engolir. O programa da tv mudou, e agora passei a observar meus girassóis ao lado de Dorothy e Totó, que assim como eu, buscam o caminho de casa.

A dor do Amor

Paulo estava acordando. Nos escuro se via sozinho, deitado no piso gelado que amassava seu rosto. Sentia a dor na cabeça devido à pancada de mais cedo. No momento em que recobrou a consciência, Fernanda entra na sala e para diante dele. Um sentido de espanto e alívio tomam conta de Paulo, porém a expressão que a nova habitante da sala escura tinha, era de total desprezo, olhando para a figura desajeitada e tonta que estava no chão.

Um relacionamento feliz, estável, de companheirismo, amizade e confiança foi o início de uma mudança de vida. Quando Paulo e Fernanda namoravam, estavam unidos por esses adjetivos que tornam qualquer relação boa e durável o suficiente para se fazer planos, pensar em um futuro juntos, e por quê não casar?! O amor não precisa ser complicado, pensavam os dois, quando se tem um sentimento tão bonito dentro de dois corações, tudo é possível vencer, porém não foi o que aconteceu nesta estória de amor.

Fernanda sempre foi uma menina sonhadora, com muita perspectiva de vida, buscando se esforçar ao máximo para chegar onde queria. Cresceu no mundo Disney, levando como filosofia de vida, que o amor é maior do que tudo, move qualquer barreira, seja ela física, temporal, ou psicológica. Não tinha como plano se envolver com alguém assim que deixou sua cidade natal, contudo, o acaso lhe preparou muitas surpresas.

Paulo tinha tudo na vida, uma boa família, carro para sair no momento que desejasse, escola de boa qualidade, e aquele olhar mais desconfiado, que tentava ler a mente e analisar as pessoas a sua volta. Saiu de casa com muita vontade, a universidade e o curso que entrou eram suas realizações daquele período, mas o que lhe faltava era o amor. Um amor que lhe foi apresentado naquele grupo de estudos. Nunca acreditou em conto de fadas, já havia passado por uma decepção colegial amorosa, mas queria a estabilidade e conforto que um relacionamento sério poderia proporcionar.

Duas pessoas com o foco diferente, porém com o objetivo de conquistar coisas grandes na vida, tem o caminho cruzado quando o que buscavam naquele dia era resolver questões para se preparar para a prova. Paulo entra na sala onde Fernanda já estava com os amigos. Ele dá uma rápida olhada para ela e senta diante de seus cadernos. Começa com conversa fiada, pois um desejo havia sido despertado dentro do seu coração. Fernanda não entendeu o interesse de paquera vindo de Paulo, e começou a ter um novo olhar diante dele quando já se passava uma semana de conversa online. Saíram, se gostaram, e foi ali que o sentimento por ambos foi sendo construído. Não foi paixão avassaladora, com borboletas no estômago. Não. Foi algo que torna toda a estória dos dois diferente.

Três anos de relacionamento, nenhuma briga. Um namoro visto pelos outros como perfeito, tinha seu futuro quase como certo. Quase. Foi naquela noite, depois de tantas crises da doença que Fernanda tinha que eles terminaram. Sentaram, sem brigas, mas com muita dor. Uma dor que dilacerava o coração de Fernanda que não acreditava no que estava acontecendo. Como ele, meu maior confidente e porto seguro, poderia deixa-la neste momento tão delicado? Nem ela sabia. Ele optou por terminar não sabendo como lidar com a situação, e ela perdeu tudo que tinha.

Ele queria sua amizade, um desejo de felicidade e sucesso que a cada vez repetido, soava como um “eu não te amo mais, mas você é uma boa pessoa”. Ela cortou relações, contato, e passou a olhar mais para si. Começou a tratar a doença, buscou ficar cercada de amigos, expor seus problemas, e tentar superar da melhor

forma possível. Porém como uma menina que tinha como visão o amor eterno ligado à apenas uma pessoa na vida, com o romantismo entranhado em suas veias, as promessas dele de nunca abandoná-la, o amor compartilhado e construído durante todos aqueles anos, poderia superar facilmente?

Ele estava sofrendo. Sim, um sofrimento que era apaziguado pelos “amigos” que começaram a mostrar uma nova perspectiva de vida. Viajar e construir memórias, esse seria seu novo lema. Ele mantinha o sentimento de tristeza por não estar mais com Fernando dentro de si, contudo começou a superar de forma mais rápida quando Ariana entrou em sua vida. Já passava de 5 meses que estava solteiro, e Ariana estava cada vez mais presente em sua rotina, estudo, trabalho, saídas com os amigos, sendo que ela se ela lhe disse que para superar um namoro, nada melhor do que ficar com outras pessoas. Ela estava ali, naquele momento. Ela. Paulo então embarcou neste rumo. Tudo aconteceu muito rápido, eles já estavam namorando em menos de um mês, e as atitudes de Ariana para com ele, o deixaram perdidamente apaixonado. O sentimento que ele tinha por Fernanda ainda estava no coração, mas em uma gaveta fechada, com as lembranças que ele não queria tocar. Ariana era sua nova fase. Uma aventura.

Ariana usa Paulo para tornar sua vida mais fácil. Foi ideia de Fernanda combinar com ela para quebrar o coração daquele que havia quebrado o seu. Ariana foi apenas um artifício para que Fernanda atingisse o amor de sua vida. Ele tinha despertado uma dor tão profunda, com angustia, sofrimento, desespero, ilusões, mentiras, e foi tão fraco por optar pelo caminho mais simples de terminar, que o Fernanda foi em busca de vingança. Ela tinha provado de algo que nunca pensou que seria possível, vindo de Paulo, a dor do amor. A revanche que ela queria foi arquitetada para que ele visse o quão triste aquilo que ela sentia era. Ele foi responsável por cativar um amor tão puro e profundo, tão simples e lindo, porém não deu o valor merecido. Agora era hora de dar o troco. Ariana termina com Paulo.

A paixão é mais um fogo que queima rápido, algo que consome o indivíduo de uma maneira que o a amor consegue depois de um certo tempo firmado raízes. Paulo estava sofrendo com aquilo, não comia, não dormia, se sentia humilhado, sozinho, culpado por tudo de ruim que acontecia em sua vida, sem perspectiva, seu mundo caiu. O objetivo de Fernanda havia sido alcançado. Depois de conseguir ir até a faculdade, Paulo foi surpreendido por uma pancada na cabeça no caminho de volta para casa. Acorda assim na sala escura, com Fernanda diante dele.

Aquele foi o momento das revelações. Ela lhe conta tudo. Os dois choram. Apesar de ter alcançado sua vingança, Fernanda não se sente aliviada e sem angustia, pelo contrário. Fica cada vez mais ciente do amor que tem por Paulo, e que o fazendo sofrer fez com que ela mesma sofresse. Ele, entende tudo que se passou na mente dela, porém não sabe o que fazer, fica em estado de anestesia.

Fernanda sai da sala, vai para casa, e não vê mais razão para viver. Paulo volta para casa e não vê mais sentido para tudo. Ambos se encontram em outro plano.

O Amor

No meu círculo de amigos eu era o popular, tinha vários modelos de iô iô, o álbum de figurinhas dos Power Ranger estava quase completo, mantinha meu tamagoshi vivo há mais de um ano, e ostentava uma coleção de tazos de dar inveja. Essa popularidade tinha apenas com meus amigos. Estava muito apaixonado pela Ana, porém nunca consegui manter uma conversa de mais de duas palavras com ela.

Eu ficava admirando-a no intervalo, com seu anel do humor, lendo a revista Capricho, e comentando o último capítulo da Malhação. O cabelo dela cheirava a Neutrox, usava melissa incolor com meias arco-íris até os joelhos, além de mascar o babaloo de morango. Ah! Como eu queria pegar na mão dela.

Minhas tentativas de aproximação nunca davam certo, todos na escola sabiam que eu gostava dela, e até a própria Ana sabia disso. Eu já tinha contratado serviço de tele mensagem, me tornado amigo do irmão dela só para ficarmos mais próximos, pagava o lanche dela na escola, e enviava seguidamente cartinhas em formato de dobradura de coração com poemas de amor. Nada funcionou.

Fechado na dor do primeiro amor, não percebi que a Roberta, amiga da Ana, estava cada vez mais próxima de mim. Ela era inteligente, usava um colarzinho de tribal, e desenhava muito bem. Trocava algumas figurinhas comigo, e até me dava às tatuagens dos chicletes. Nossas mães nos matricularam na mesma escola de natação, então íamos juntos da natação pra escola regular, e começamos a conversar cada vez mais.

Com o passar do tempo fui perdendo a idolatria que sentia pela Ana. Até que um dia, convidei a Roberta para tomarmos um sorvete, enquanto nossas mães estavam fazendo compras. Ela aceitou e fomos à lanchonete. Lá, ela escolheu um napolitano e eu um chocolate. Paguei os dois, e no momento seguinte ao do pagamento, ela pegou em minha mão. Senti minhas bochechas e orelhas ficarem quentes, e neste instante senti muita vergonha, porém mal tive tempo de pensar e ela me deu um beijo no rosto.

Nunca havia me sentido igual, não sabia o que fazer para retribuir, então dei um beijo no rosto dela e voltamos ao encontro de nossas mães. Fiquei intrigado com aquela atitude da Roberta, mas gostei muito. Queria saber o que foi que eu fiz pra Roberta ter gostado de mim, pois se eu soubesse teria feito pra Ana.

Corpo

Seu olhar me encanta
Seu sorriso me hipnotiza
Sua boca me chama
Seu corpo me conquista

És a razão do meu sorriso
És meu amado, meu querido
És alegria do meu dia, és meu amor minha vida

Na jornada de aprender
Acredito que você é a melhor poesia,
pois para amar não precisamos de fórmula,
basta coração aceitar.

Seu corpo é meu templo
Minha calma, meu desejo.
A cada segundo teu corpo eu almejo

Suor com suor, olhar com olhar.
Desejo e calor, corpo com corpo a se esquentar.
Só de pensar em seu corpo me excito
Não paro de me apaixonar

Quero te pegar a cada instante,
de quatro, de lado, de pé de todos os jeitos,
com calma, com força, sereno e selvagem,
sempre quero te devorar

Caminhe comigo, meu amor,
e seremos felizes.
O que eu quero é sempre te ter,
e fazer você me querer.

O Lado Escuro

Já passava das 17:00 horas, e Verônica dissera à Pedro que o Brechó seria a última loja que tentaria encontrar o tal vestido de formatura. O brechó era em estilo mais rústico e antigo, tinha pouca movimentação. Uma das construções mais antigas da cidade. Sua aparência já não era das melhores. A pintura estava gasta, o cheiro do mofo dos cantos se misturava com o cheiro das roupas de diferentes perfumes. Uma coleção de manequins ficava ao lado frontal da loja, e nos fundos havia uma sala com banheiro e cadeiras de provador.

O menino demonstrava cansaço, lentidão, e certa tontura devido ao calor, decidiu então tomar um ar fresco, beber água, e descansar nos bancos de provador. Depois de algum tempo, levantou e foi ao banheiro, na volta percebeu que estava completamente sozinho. Já estava escuro na rua. Indo em direção à saída lateral do brechó, ouviu uma movimentação estranha vindo da frente da loja, e ao observar com mais cuidado do que se tratava, ficou perturbado pois os manequins estavam agindo como pessoas. Pedro, paralisado de medo, ficou escondido entre algumas araras e continuou a observar os manequins.

De repente, duas mãos o levantaram, e o garoto foi levado para o centro das atividades. A sala estava um caos. Os manequins ali tinham uma pilha de corpos cobertos de sangue, de coloração esverdeada. A rigidez da carne era apavorante.

Os manequins ali, transformavam pessoas em seus iguais. Um grito de pavor e sofrimento percorreu a garganta de Pedro quando ele viu Verônica ser transformada em manequim, contudo este mesmo grito não saiu e nem as lágrimas, ou qualquer outro manifesto desesperado de seu corpo. No instante seguinte, o menino foi arrastado pela sala, e depois, a escuridão tomou conta de tudo.

União

O dia amanhece. Acordo as crianças, preparo o café da manhã, me arrumo e levo nossos filhos pra escola. A reunião de classe demorou, mas ainda dá tempo de passar no supermercado. Deixo as compras em casa, e vou para o trabalho.

A maior parte da tarde fico pensando em como será nossa noite, afinal iremos completar 10 anos de casamento, e para celebração, marcamos um jantar juntos, programa que devido à falta de tempo não tínhamos há muitos meses.

Saio do trabalho e busco as crianças, deixando-as com minha mãe, depois disso sigo para casa. Apesar de um dia exaustivo no trabalho, limpo e organizo a casa, pois tudo precisa estar perfeito para a comemoração noturna. A sala nunca esteve tão linda, com flores, luz de velas, tapetes e toalhas novos, além do jogo de jantar ganhado no dia do casamento. Tudo pensado cuidadosamente.

Com o jantar encaminhado no forno e o ambiente organizado, começo me arrumar. Tomo todo cuidado em escolher a melhor roupa, uma peça provocante por baixo, apesar de apresentar uma insegurança com os quilos a mais que apareceram nos últimos anos.

Tudo pronto, hora de nos encontrarmos para o jantar. Passam-se alguns minutos de atraso, uma hora, mais algum tempo. Nesta espera interminável, penso nos momentos felizes que tivemos juntos nesses anos de união, porém os momentos ruins se sobressaem.

Apago as velas, guardo a comida, e vou para o quarto, pois no fundo sei que minha esposa não se lembrou. Sinto-me fraco, sozinho, e mais uma vez, vou dormir com lágrimas nos olhos. Um casamento de aparência, onde um tenta segurar as pontas, enquanto o outro finge que está tudo bem.

Quem Vê Idade Não Vê a Mente

-Odete, olha ali.

-Que vergonha! Isso não deveria ser permitido, cada raça no seu lugar!

-Não sei de onde tiraram essa ideia de que essas negrinhas são gente como a gente e devem frequentar os mesmos lugares que pessoas limpas como nós!

-As coisas começaram a mudar quando quiseram dar a liberdade para esses selvagens, a tal da abolição. Quando eu morava com meus avós, esse tipinho conhecia seu lugar e trabalhava direito. Para falar a verdade, acho que os problemas que os problemas que passamos hoje são por culpa deles. Preto é sinônimo de ladrão, tráfico, estupros e por ali vai. Eles levam nossas crianças para o mau caminho. Acho uma ofensa que esse estabelecimento as deixe entrar!

-Já te contei que minha neta tem uma “amiga” assim, suja?!

-É por isso que ela tem ido mal à escola e em casa. Fica de conversa com esse tipinho e pega as manias deles. Eu se fosse você daria uma dura na Carla, e se não resolver, esquenta-lhe o lombo!

-Ela já apanhou, mas não adiantou. Agora começou subir no morro e passa o dia lá. Eu tenho é nojo desses ali!

-Agora vem derramar café aqui, povinho sem educação!

-Aqui não é chiqueiro sua negrinha!

-Pega um pano e limpa isso. Acho uma falta de consideração senhoras da nossa idade tendo que se misturar!

*

-Filha, eu não quero que você ande com aquele tipo de gente!

-Mãe, qual o problema?

-Eles são brancos, cada um no seu lugar, não as ouviu? Eles acham que podem mandar em tudo, que são melhores, mas a realidade é que são preguiçosos. Nunca fizeram nada além de mandar no nosso povo, e hoje querem pagar de “amiguinhos dos negros”. Esse país foi construído pelas nossas mãos, com suor de trabalho negro. Não quero você envolvida com eles. Anda logo e toma esse café.

-Ai mãe, caiu sem querer!

-Menina desastrada! O que a senhora disse?

-O que você ouviu negrinha. Limpa isso!

-A senhora não tem noção do problema que está se metendo. Eu vou ligar pra polícia, velha preconceituosa!

-Vai ligar e dizer que você fugiu da selva e não sabe voltar macaquinha?

-Vou dizer o quão nojenta você é, que usa a idade pra pagar de santa!

*

-Eu realmente não sei o que dizer senhor policial, ela simplesmente começou a me atacar, e ligou pra chamar a viatura.

-E a senhora está bem?

-Sim, mas estou muito abalada pelo comportamento dela. Olha o exemplo na frente da criança! Isso é inaceitável.

-Já esclarecemos a situação, ela foi liberada, e a senhora se quiser uma carona lhe levaremos para casa. Acredito que esteja cansada depois do ocorrido.

-Sim, por gentileza. No caminho, eu lhe conto como ela começou.



Edward Hopper: New York Movie

Azar ao Sonhar

Sheila era uma mulher sonhadora. Nasceu em uma pequena cidade, e quando decidiu sair de casa, sabia que não voltaria mais. Chegou a Nova York com pouco mais de 18 anos, querendo ali encontrar seu lugar no mundo.

Descobriu-se como fã de cinema desde muito cedo. Ficava horas na frente da televisão, e quando sobrava dinheiro ia até o velho teatro vizinho de sua casa, e lá se sentia segura e completa. A escolha pela cidade tão movimentada como Nova York veio depois da fama que tinha de pensar alto. Arranjou um emprego no tradicional cinema, daqueles que ela via em filmes, com cortinas de veludo vermelho tinto, carpe pelo chão, e todos os funcionários devidamente uniformizados. Lembrava-se do cheiro fétido do teatro que frequentava, e comparava com a maravilhosa vista que agora tinha trabalhando neste limbo.

Sheila se aproveitava do emprego para assistir os filmes juntamente com o público. Ali ficava imaginando quando seria o nome dela que estaria nos créditos finais. Queria voar. O primeiro passo tinha sido dado, mas faltava um impulso. Ele chegou. Depois de algum tempo, ela ficou sabendo através de um amigo do cinema, que estavam contratando pessoal para figuração no novo filme de Steven Spielberg, e foi ali que viu sua chance. Mal sabia do que estava por acontecer.

Foi logo entrando na lista de espera. A aflição, à vontade, curiosidade e angustia estavam consumindo-a durante o tempo de aguardo. Foi então chamada depois de quase perder as esperanças.

No dia da gravação, Sheila não se aguentava de tanta felicidade e ansiedade. Chegou no set, e participou da reunião e ensaio posterior. Recebeu um pequeno roteiro do que deveria ser feito na cena no dia seguinte, e com aquele papel se sentiu bem. Tinha uma aptidão para fingir, achava que atuar seria um campo interessante de trabalho, e nesta figuração do filme, viu a chance de começar.

Logo ao amanhecer, Sheila já estava pronta para gravar. Entrou no set, vestiu o figurino, e esperou. Esperou, esperou, esperou. O tempo parecia interminável naquela cadeira, tanto que ela resolveu dar uma volta pelo estúdio. Estava passando pelos cenários de seus seriados favoritos, quando ouviu um barulho. Foi verificar. Sangue, muito sangue.

Sheila não sabia o que fazer. Ficou extremamente atordoada com a cena que estava presenciando. Uma mulher decapitada, e um homem ao lado com um machado nas mãos. Sheila saiu desesperada em busca de socorro, porém o assassino também era rápido. Ela foi golpeada nas pernas e caiu. Entrou em uma luta corporal com o homem que tentava lhe acertar com o machado. No momento em que havia caído, Sheila bateu com a cabeça, e os reflexos já não eram mais os mesmos. Começou a perder a consciência, e logo em um minuto de cansaço, sentiu sua barriga arder e o machado cortando sua pele. Depois disso, tudo ficou escuro.